

MUNDA

N.º 4 • 2.ª Série • Junho • 2026

REVISTA DO GRUPO DE ARQUEOLOGIA E ARTE DO CENTRO

Revista MUNDA
N.º 4 • 2.ª Série • Junho • 2026

Publicação Anual

PROPRIEDADE E EDIÇÃO
GAAC – Grupo de Arqueologia e Arte do Centro

DIRETOR
António Apolinário Lourenço

SUBDIRETOR
Pedro C. Carvalho

COMISSÃO REDATORIAL
Carlos d’Abreu
Casimiro Simões
Isabel Paiva
João Paulo Almeida e Sousa
Raquel Santos
Rui Pita

REDAÇÃO
Sede do GAAC
Pátio do Castilho, 31, 3000-103 Coimbra
Email: geral@gaac.pt

IMPRESSÃO
Papelmunde SGM

IMAGEM DA CAPA
Cedida por Museus e Monumentos de Portugal, EPE | Arquivo de Documentação Fotográfica | Museu Nacional de Machado de Castro

ISSN: 0871-0996

Depósito Legal: 1397/82

O conteúdo dos artigos é da responsabilidade dos seus autores.

Apoio: Município de Coimbra



CÂMARA MUNICIPAL
COIMBRA

ÍNDICE

Apresentação	5
--------------------	---

SECÇÃO TEMÁTICA: MUSEUS E URBANISMO

Museu Nacional de Conímbriga. Presente, Projetos e Perspetivas de Futuro	9
VÍTOR DIAS	

Museu Nacional de Machado de Castro. Génese e Herança Patrimonial da Cidade de Coimbra	33
PEDRO MIGUEL FERRÃO	

A Colecção de Escultura do Museu de Aveiro – Historial, Proveniência e Constituição	59
MARIA MADALENA G. F. CARDOSO DA COSTA	

Francisco Tavares Proença Júnior: Itinerário de uma Vida Breve ...	111
MANUEL LOPES MARCELO	

O Claustro da Portaria do Mosteiro de Santa Cruz e os Gerais do Colégio de Santo Agostinho no Período entre 1534 e 1544	137
RUI LOBO	

Da Praça à Rua e da Rua à Praça. Análise Morfológica da Praça 8 de Maio em Coimbra.	181
PATRÍCIA RIBEIRO	

Quinta da Nora. A Ruralidade que não Resistiu à Cidade	205
JOÃO GARCIA	

VARIA

Dois Bardos: Afonso e Biermann	227
PEDRO MIGUEL GON	

Cultos Milenares da Fertilidade Agrária. Da Deusa Mãe das Cavernas ao Maio Moço Português Vestido de Giestas	259
CASIMIRO SIMÕES	

Barcos Moliceiros de Aveiro. A Autenticidade como Desafio Societal de um Produto Turístico	269
SARA FILIPA DOS REIS MADEIRA	

Os Celtas e sua Mitologia.	281
JOSÉ MANUEL AZEVEDO E SILVA	

Apresentação da revista <i>MUNDA</i> – N.º 3, 2.ª Série (Junho 2025) . . .	301
DELFIM LEÃO	

NOTÍCIAS DO GAAC

Coimbra Romana. Visita ao Criptopórtico	307
Participação na Feira do Livro de Coimbra – 2025.	309
Apresentação de um Novo Número da <i>Munda</i>	310
Visita do GAAC ao Parque Arqueológico do Vale do Côa (Museu e Gravuras)	311
Novos Órgãos Diretivos do GAAC	313
Visita à Casa das Talhas	315
Centenário da Universidade Livre de Coimbra (1915-2025)	316
Centenário da Morte de Camilo Pessanha (1867-1926).	320

SECÇÃO TEMÁTICA: MUSEUS E URBANISMO

Museu Nacional de Conímbriga. Presente, Projetos e Perspetivas de Futuro

VÍTOR DIAS*

SUMÁRIO: A historiografia do Museu Nacional de Conímbriga (MNC) demonstra que, ao longo de 64 anos, se desenvolveu um singular sincretismo cultural entre o Museu e o território, sendo ambos essenciais para a construção da identidade recíproca e do conjunto.

É neste contexto de comunhão, num momento que antecede a implementação de obras estruturantes destinadas a transformar os níveis de conforto e de acessibilidade física, intelectual e social, que se propõe uma reflexão sobre as valências geomorfológicas, paisagísticas e interdisciplinares do MNC, bem como sobre o seu significado para a Região Centro.

As perspetivas de futuro do recurso patrimonial com maior potencial do país, com monitorização positiva ao longo de décadas, vão ao encontro de longos diagnósticos geracionais e de necessárias ações de salvaguarda, conservação e restauro que permitirão dar sentido e longevidade à fruição do espaço museológico.

1. MNC: Notas historiográficas e institucionais relevantes para o presente

Desde as primeiras escavações, realizadas entre 1898 e 1899, até ao corrente ano, desenvolveram-se em Conímbriga múltiplas perspetivas historiográficas, eventos e projetos de investigação académica (Alarcão & Correia, 2004; Correia, 2009; Alarcão P., 2009; Ruivo & Correia, 2017).

Este percurso consolidou um legado institucional de incontornável qualidade cultural intergeracional, com projeção à

* Diretor do Museu Nacional de Conimbriga.

escala nacional e internacional (Alarcão & Etienne, 1977; Oliveira *et alii*, 2025).

A 10 de junho de 1962, o Museu foi oficialmente inaugurado sob a direção de João Manuel Bairrão Oleiro, culminando um processo de conceção iniciado cerca de duas décadas antes, no âmbito das escavações arqueológicas conduzidas pela DGEMN sob a direção de Vergílio Correia.

O Museu Monográfico de Conímbriga, inaugurado em 1962, foi classificado como Museu Nacional em 2017, passando a designar-se Museu Monográfico de Conímbriga – Museu Nacional. O vasto espaço museológico corresponde, *grosso modo*, à área da cidade antiga de Conímbriga, apenas parcialmente musealizada, integrando as ruínas escavadas, a reserva arqueológica, o edifício do Museu e diversos espaços circundantes.

Designado como Museu Nacional de Conímbriga desde 4 de setembro de 2023, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 79/2023, que consagra a criação da Museus e Monumentos de Portugal, Entidade Pública Empresarial (MMP, EPE), o MNC salvaguarda extraordinários recursos patrimoniais, paisagísticos e ambientais, bem como uma singular relação com o território.



Fotografia n.º 1. Casa dos Repuxos
(crédito fotográfico: Arlindo Homem).

As ruínas de Conímbriga constituem um dos mais importantes vestígios da civilização romana em Portugal, localizadas em Condeixa-a-Velha, próximo de Coimbra.

Reconhecida como a cidade romana melhor preservada em Portugal, constituiu ao longo de mais de dois milénios um verdadeiro espaço de encontro entre culturas. Recebeu sucessivas influências de Celtas, Fenícios, Romanos, Suevos, Visigodos e Árabes. Ainda assim, foi a presença romana que marcou de forma mais profunda e duradoura o seu urbanismo e quotidiano, legando um património excecional que resistiu à passagem do tempo.

Escavada em menos de 15% da sua área total, Conímbriga é o sítio arqueológico mais visitado de Portugal. O seu urbanismo testemunha o esplendor da civilização romana, integrando edifícios públicos monumentais, como o fórum, as termas e o anfiteatro, a par de luxuosas casas aristocráticas, distinguidas pelos seus excecionais pavimentos de mosaicos.

A historiografia do Museu Monográfico de Conímbriga quase se confunde com a própria evolução da arqueologia romana em Portugal, tendo assumido um papel de destaque na cultura portuguesa e sendo essencial para a construção da identidade do território onde se insere. No caso do Conímbriga, destaca-se o desenvolvimento de um particular sincretismo cultural entre o Museu e o território, e vice-versa. É neste contexto de comunhão que a missão do MNC – proteger e conservar as ruínas, promover a sua exposição pública, desenvolver a investigação arqueológica, prestar serviços no domínio da conservação e restauro e contribuir para o reforço da identidade local e regional e para um desenvolvimento territorial inovador e criativo – se mantém plenamente atual.

A equipa do MNC, composta por várias gerações de técnicos, investiga, divulga e protege a longa diacronia historiográfica da(s) cidade(s) antiga(s), ainda preservada(s) na sua materialidade arqueológica.

A coleção do Museu é constituída por um acervo praticamente completo dos vestígios materiais da presença humana no planalto de Conímbriga, desde o final da Idade do Bronze até à Idade Média, abrangendo cerca de dois milénios de ocupação.

Não se destacando pela monumentalidade, a coleção do Museu Nacional de Conímbriga afirma-se pela sua extensão e diversidade, superando as dificuldades inerentes a uma coleção maioritariamente fragmentária através de uma apresentação pedagógica e da integração expositiva de conhecimento científico aprofundado sobre os artefactos.

A exposição permanente é composta por cerca de 1500 objetos, indissociáveis da área visitável das Ruínas, que se estende por aproximadamente 3 hectares, onde se destacam os edifícios e os mosaicos *in situ*. O conjunto funciona como uma unidade concetual, preservando a natureza monográfica da fundação original do Museu.

É relevante constatar que a génese dos primeiros trabalhos teve como objetivos estratégicos o ensino prático, a produção de conhecimento e a aplicação da ciência no sítio e no território. A reserva e o campo arqueológico, nas suas áreas visitáveis e não visitáveis, reúnem condições únicas para o desenvolvimento de um Cluster Experimental de Ciência, capaz de promover a interdisciplinaridade no espaço museológico.

Assumindo-se como um dos objetivos estratégicos para a década, pretende-se aprofundar e consolidar esta dinâmica através da criação e desenvolvimento desse Cluster, orientado para a investigação multidisciplinar e interinstitucional. Idealizado desde 2021, este projeto materializa o vasto trabalho de investigação interdisciplinar sediado no MNC, funcionando progressivamente como elo entre diferentes campos do saber e como parceiro privilegiado para a aplicação social do conhecimento, com evidente retorno para todos os intervenientes.

O desenvolvimento da investigação científica tem privilegiado o reforço das relações com a Universidade de Coimbra, outras universidades portuguesas e instituições universitárias estrangeiras, procurando estimular a multidisciplinaridade científica e técnica entre diferentes áreas do saber, bem como valorizar as valências e os recursos culturais e patrimoniais da região, a nível nacional e internacional.

Com a génese e a implementação deste modelo, o MNC lança igualmente as bases para potenciar sinergias entre recursos institucionais já existentes na região, privilegiando a ino-

vação e assegurando, através destas parcerias e mecanismos colaborativos, uma “natural” renovação geracional de ideias, bem como a contínua atualização de processos e metodologias.

Desde 2021 considerou-se pertinente planejar estrategicamente a década, estruturando esse planeamento em três grandes eixos: o desenvolvimento do Cluster Experimental de Ciência; a modernização e digitalização dos conteúdos museológicos e dos sistemas de comunicação; o reforço da identidade do espaço museológico e do território, através da concretização de projetos de salvaguarda e da implementação de práticas interdisciplinares de cooperação entre cultura, educação, ciência, tecnologia e turismo.

A visão estratégica para a década perspetiva o MNC como uma plataforma geradora de ações interdisciplinares e interinstitucionais, em estreita articulação com o ensino prático, a produção de conhecimento e a aplicação da ciência, princípios que estiveram na génese dos primeiros trabalhos arqueológicos desenvolvidos em Conímbriga. A implementação continuada desta estratégia visa estimular o desenvolvimento de um verdadeiro Fórum Cultural, capaz de promover o diálogo intergeracional, a partilha de saberes e a consolidação do papel do Museu enquanto agente estruturante do território.

O MNC reúne um vasto e singular conjunto de características que proporcionam a Conímbriga condições raras para se afirmar como um verdadeiro portal para a compreensão integrada da Região Centro. Operando como agente cultural, pedagógico e social, o Museu desenvolve a investigação, o conhecimento partilhado e a programação como ferramentas privilegiadas de aproximação às comunidades locais e regionais, bem como à captação de novos públicos.

A historiografia do sítio arqueológico e do Museu contribuiu para o desenvolvimento de um singular sincretismo cultural entre a região e a instituição, no qual ambos se afirmam como elementos essenciais para a construção da identidade do outro e do todo.

Propõe-se, assim, uma breve reflexão sobre o presente e o futuro do Museu Nacional de Conímbriga (MNC), destacando o potencial geracional da reserva e do campo arqueo-

lógico enquanto recurso patrimonial de excecional valor a nível nacional. Pensar o presente e o futuro do MNC implica compreender o seu significado para a identidade local, regional e nacional. Neste contexto pós-pandémico e pós-depressão Kristin, associado a décadas de crónico desinvestimento, impõe-se uma reflexão sobre o futuro do campo arqueológico, do Museu e do respetivo território, considerando as oportunidades criadas pelo Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) e pelo mecenato cultural.



Fotografia n.º 2. Vista aérea do espaço entre as duas muralhas, com identificação do Museu, parque de estacionamento e via de acesso (MMP, EPE)

É expectável que este singular momento histórico venha a materializar uma profunda transformação da acessibilidade física, intelectual e social do espaço museológico nos próximos dois anos, apesar da existência de um projeto de remodelação do museu, que não viu a sua execução concretizada pela ausência de qualquer empresa interessada na obra.

Perante este cenário, a equipa do MNC iniciou um trabalho articulado com o Departamento de Espaços, Manutenção e Obras da MMP, EPE, em colaboração com o Património Cultural, Instituto Público (PC, IP), e com a Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova, desenvolvendo novos projetos, de menor

tempo de execução, orientados para as necessidades prioritárias de salvaguarda da materialidade do campo arqueológico.

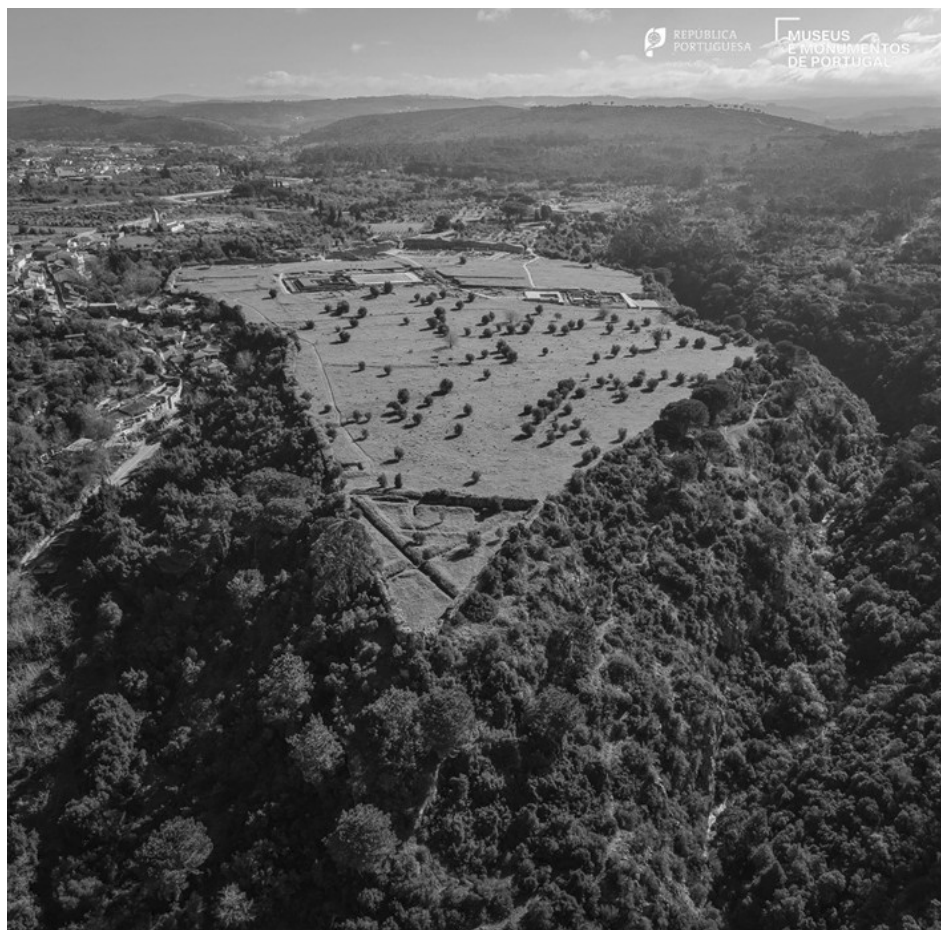
Seguidamente, serão detalhados estes e outros projetos, aflorando de forma sucinta a importância deste planeamento e das respetivas empreitadas para a visita, para o futuro do espaço museológico, bem como para o território e para a região. À data desta reflexão, vários concursos públicos já se encontram com contratos assinados, enquanto outros estão ainda em fase de tramitação. Por esse motivo, a presente publicação constitui uma oportunidade privilegiada para partilhar expectativas e iniciar um exercício de reflexão prévia, que deverá ser complementado por um balanço no período pós-obras, previsivelmente em 2028.

2. MNC. Projetos e Perspetivas de Futuro

O Museu surge, como vimos, na sequência dos resultados das escavações arqueológicas realizadas no sítio. Salienta-se que é precisamente o trabalho científico e os resultados dos trabalhos arqueológicos que legitimam a pertinência da implementação do Museu. É o campo arqueológico e a produção de conhecimento que estão na origem do Museu, e é o Museu que ancora a proteção do sítio arqueológico. Esta sequência, reforça o carácter central da reserva arqueológica e destaca a complexidade das valências de Conímbriga como espaço museológico interdisciplinar.

A análise diacrónica dos resultados de diversas metodologias, permite destacar o singular caso de estudo de Conímbriga, possibilitando profundas aprendizagens sobre o papel da ciência e dos museus na construção sólida e duradoura de identidades alicerçadas em investigação, conhecimento e emoção.

A prática continuada desta estratégia estimulará a materialização e desenvolvimento de um verdadeiro Fórum Cultural, que funcione como interface regional e geracional, onde avós, netos, pais e filhos se continuem a encontrar, acrescentando conhecimento e consolidando o legado patrimonial científico e emocional do MNC.



Fotografia n.º 3. Vista do planalto de Conimbriga, sentido O-E (MMP, EPE). O extremo poente da muralha de Conimbriga reúne condições naturais particularmente favoráveis à implantação de um miradouro cultural, concebido como um portal interpretativo orientado para a compreensão integrada da Região Centro.

A dimensão patrimonial, paisagística, geológica, ambiental e geográfica, transformam o território do MNC e respetivo planalto, num local privilegiado para a implementação de um portal que potencie o melhor entendimento da Região Centro: um campo arqueológico que regista centralidade geográfica entre as faixas naturais de circulação nos sentidos S-N e E-O, bem como a situação de charneira entre o cársico da Serra de Sicó, o xisto da Serra do Açor e da Serra da Lousã, ou os braços fluviais do Mondego, salientando-se o significado da pai-

sagem cultural. Esta ímpar localização geográfica e irrepetível relação com a paisagem, possibilitou contactos com o mundo orientalizante, de matriz fenício-púnica, comprovando não só, a dinâmica atlântica, como a posição estratégica de Conímbriga, enquanto ponto de “encontros” materiais entre culturas do Mediterrâneo e do centro da Europa.

2.1. Conímbriga: mais do que um Museu

Por todas as razões anteriormente expostas, é possível afirmar de forma inequívoca que Conímbriga é muito mais do que um Museu. Impõe-se, por isso, a divulgação das suas múltiplas potencialidades e dimensões, trabalhando de forma integrada, através de metodologias adequadas, os recursos patrimoniais e materiais que estruturam o território, desde Alcabideque, local de captação e início do aqueduto romano, até ao extremo poente do planalto de Conímbriga.

Pelos motivos apresentados, e atendendo à persistente incompreensão relativamente à notável abrangência e complexidade dos recursos disponíveis para valorização, justifica-se que a presente reflexão se dedique, de forma prioritária, ao campo arqueológico e à respetiva reserva. O espaço museológico inicia-se, de forma sequencial, no próprio sítio arqueológico, sendo aconselhável, nesta fase de desenvolvimento do Museu Nacional de Conímbriga (MNC), privilegiar a compreensão da sua relação intrínseca com o território e com a paisagem.

Para o presente e o futuro do MNC, é imperativo garantir que a vasta escala de intervenção imposta pelo sítio arqueológico seja plenamente compreendida e conte com o envolvimento e o contributo dos agentes culturais regionais e nacionais. A dimensão excecional deste recurso patrimonial, com um potencial geracional ímpar no contexto nacional, exige atenção sustentada e uma colaboração alargada, tanto pelo seu significado científico e cultural como pelo papel estruturante que conquistou ao longo das últimas seis décadas para a região e para o país.

Refletir sobre Conímbriga implica, necessariamente, questionar a possibilidade da sua inexistência. Como seria a Região Centro, e o próprio país, sem a reserva arqueológica de Conímbriga e o respetivo Museu Nacional? Trata-se de uma interrogação inquietante, à qual numerosos sítios arqueológicos profundamente afetados ou irremediavelmente destruídos dão resposta, ao terem deixado de constituir uma mais-valia patrimonial. Esta constatação sublinha, simultaneamente, a importância da preservação do registo arqueológico e o privilégio que Conímbriga representa, por conservar ainda intacta uma parte substancial dos seus recursos patrimoniais.

Neste contexto, considerar como adquirido que Conímbriga se encontra plenamente salvaguardada apenas pela existência da proteção institucional do seu Museu não corresponde, infelizmente, a uma verdade absoluta. O papel estruturante do Estado e das respetivas tutelas é incontornável, mas revela-se igualmente fundamental a existência de uma consciência social alargada quanto ao valor geracional das reservas arqueológicas. Esta consciencialização esbarra, com frequência, na limitada visibilidade social e política da arqueologia. O património arqueológico, na maioria das situações, exige processos de escavação e metodologias longas e exigentes, sendo apenas após esse percurso científico que se torna plenamente visível e passível de avaliação o seu potencial patrimonial e museológico.

Esta incompreensão recorrente tem-se revelado particularmente nefasta para muitos sítios arqueológicos, frequentemente em conflito com ritmos políticos pouco compatíveis com estratégias de planeamento a médio e longo prazo. O carácter irreversível das afetações e destruições arqueológicas traduz-se em perdas irreparáveis, dado tratar-se de recursos não renováveis. Também no caso de Conímbriga, ainda que com especificidades próprias, esta dificuldade se faz sentir, como ilustra, entre outros exemplos, a recente e complexa aquisição de terrenos inseridos no espaço museológico que permaneciam em propriedade privada, garantindo desta forma, a salvaguarda da integridade da quase totalidade do sítio arqueológico.

2.2. Aquisição de Terrenos. Geofísica. Vale Norte e anfiteatro romano

Entre 2024 e 2025 a MMP, EPE adquiriu diversas parcelas rústicas e urbanas, lotes de terrenos e imóveis, com uma área aproximada a 2,5 hectares. A normalização da relação entre propriedade privada e pública em pleno campo arqueológico, ampliou as suas potencialidades também em plena aldeia de Condeixa-a-Velha, com a aquisição dos terrenos onde se localiza o anfiteatro romano. Lembra-se que até às mencionadas datas, esta era uma missão considerada “impossível” há mais de quatro décadas.



Figura n.º 1. Mapa de parcelas adquiridas pela MMP, EPE entre 2024 e 2025

Sendo o edifício do Museu apenas uma pequena parcela dos cerca de 22 hectares correspondentes à cidade antiga, impõe-se uma reflexão em escala global, capaz de perspetivar as potencialidades do campo arqueológico do MNC numa longa linha

de continuidade, em que a diacronia de Conímbriga se funde de forma indissociável com a paisagem.

A existência de um anfiteatro e de um vasto planalto amuralhado, com cerca de 10 hectares não incluídos ainda no circuito de visita, é particularmente elucidativa quanto aos inúmeros desafios que as próximas décadas colocarão às novas gerações. A gestão de um sítio arqueológico com esta dimensão pressupõe um planeamento a médio e longo prazo, assente na colaboração entre diversas entidades locais, regionais e nacionais.

Neste contexto, revelou-se de grande utilidade a prospeção geofísica realizada em 2022, cujos resultados foram recentemente publicados (Cornelius *et alii*, 2026). Após a validação dos dados obtidos através de sondagens arqueológicas tradicionais, será possível, sem necessidade de escavar integralmente toda a área de estudo, discutir as soluções urbanísticas implementadas, produzir mapeamento digital e planear de forma mais criteriosa e seletiva os futuros trabalhos arqueológicos. Este processo permitirá igualmente uma gestão museológica mais eficaz e uma fruição mais informada e qualificada do campo arqueológico.

Os resultados do levantamento geofísico concretizado em maio de 2022 e publicado em 2026 confirmam não só o extraordinário potencial científico de todo o planalto, como também demonstram que esta primeira abordagem sistemática com metodologias geofísicas, aplicada à totalidade da área confinada pela muralha do Baixo Império, produziu um registo estruturante para o futuro da investigação. Trata-se de uma ferramenta de planeamento de elevado valor estratégico, cuja validade e utilidade se projetarão ao longo de várias décadas.

Nos próximos anos, será possível afinar metodologias e proceder à comparação entre a interpretação dos resultados geofísicos e as áreas intervencionadas com metodologia de escavação arqueológica. Tratando-se de um trabalho em progresso, afigura-se pertinente a realização de novas prospeções mais direcionadas e confinadas a determinadas anomalias identificadas como particularmente promissoras, bem como a articulação sistemática dos dados geofísicos com os resultados das escavações arqueológicas. Apesar de algumas limitações, os resultados revelam-se promissores, fornecendo pistas rele-



Figura n.º 2. Mapa interpretativo dos dados eletromagnéticos (visão geral). (Cornelius *et alii*, 2026, figura 5).

vantes sobre a possível localização de edifícios públicos, bem como sobre os traçados proto-urbanos e urbanos, de cronologia pré-romana, romana e pós-romana, do complexo urbanismo da(s) cidade(s) de Conímbriga.

2.3. Vale Norte

Conímbriga detém um extraordinário património monumental. As muralhas do Alto e do Baixo Império, bem como o aqueduto, constituem os expoentes máximos desta monumentalidade. Contudo, esta expressa-se igualmente na escala e relevância de diversos edifícios públicos, como as termas do Sul, o fórum e o anfiteatro, ou ainda em edifícios privados de grande significado, como a Casa de Cantaber. As descobertas realizadas desde 2021 no Vale Norte, através de campanhas arqueológicas consecutivas até à presente data, têm permitido identificar outras estruturas monumentais, nomeadamente um edifício absidado, talvez de natureza termal, parcialmente assente sobre um criptopórtico, pilares do aqueduto e parte do viaduto anteriormente entulhado, que assegurava o acesso ao anfiteatro romano localizado em Condeixa-a-Velha.



Fotografia n.º 4. Perspetiva aérea do Vale Norte de Conimbriga (MMP, EPE).

Estas campanhas, iniciadas em parceria com a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e com a autarquia de Condeixa-a-Nova, contaram com a participação de numerosos estudantes portugueses, espanhóis e franceses, provenientes de diferentes instituições universitárias. Esta cooperação não se limita aos trabalhos de campo, estendendo-se igualmente a projetos de investigação científica, nos quais investigadores, docentes e estudantes de várias instituições atuam como parceiros de ciência aplicada, nomeadamente: Universidade de Lisboa, Universidade do Porto, Universidade de Évora, Universidade Nova de Lisboa, Instituto Politécnico de Coimbra, Instituto Politécnico de Leiria, Instituto Politécnico de Tomar, Universidade de Salamanca, Universidade de Navarra, Universidad Carlos III de Madrid, Museo Nacional de Arte Romano – Mérida, Casa de Velázquez, Aix-Marseille Université, Université Paris I – Panthéon-Sorbonne, Université Paris X – Nanterre, Université de Pau e Universidade de Florença.



Fotografia n.º 5. Perspetiva geral do viaduto após trabalhos de escavação em 2022 (MMP, EPE).

As campanhas arqueológicas, iniciadas em 2021 e continuadas até à presente data, não só afirmam o Cluster Experimental de Ciência, como se aproximam da génese e da missão fundacional do Museu, garantindo simultaneamente a produção de conhecimento científico e a formação prática de novas gerações de arqueólogos.

A excelência da equipa do Museu possibilita a continuidade de um campo arqueológico em permanente progresso, sustentado por elevados padrões de qualidade na investigação arqueológica, capazes de respeitar o legado institucional e de atrair colaborações com algumas das mais relevantes universidades nacionais e internacionais.



Fotografia n.º 6. Perspetiva geral da escavação durante a campanha de 2025 (MMP, EPE).

O Vale Norte de Conímbriga constitui, sem margem para dúvida, a zona do campo arqueológico com maior potencial patrimonial de toda a Região Centro e provavelmente o exemplo mais relevante a nível nacional. A sua investigação permi-

tirá uma compreensão mais completa da planta da Casa dos Repuxos, que não foi integralmente escavada em 1939, bem como das soluções urbanísticas adotadas para articular o atravessamento da estrutura linear do aqueduto com a circulação inferior garantida pelo viaduto, permitindo a conexão funcional entre estas infraestruturas e o anfiteatro romano localizado em Condeixa-a-Velha.

Por diversas razões e motivações, tiveram início em 2021 escavações arqueológicas formalmente enquadradas no PIPA – Plano de Investigação Plurianual de Arqueologia, intitulado *CONIMBRIGA MMXX – Avaliação do potencial científico do Vale Norte de Conímbriga*, desenvolvido em parceria com o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a coordenação do Professor Doutor Ricardo Costeira da Silva.

A continuidade da investigação e a futura musealização desta zona da cidade antiga acrescentarão formação ativa e produção de conhecimento a um campo arqueológico em permanente progresso, assumindo igualmente a capacidade de transformar a visita, a programação cultural e a dinâmica da povoação de Condeixa-a-Velha. Do mesmo modo, este processo permitirá, a médio e longo prazo, uma nova relação de proximidade e envolvimento entre o Museu e a comunidade local.

O futuro programa museológico para a área do Anfiteatro romano de Conímbriga possibilitará a ligação contínua do circuito de visita entre este monumento e a Casa dos Repuxos, valorizando o viaduto, o aqueduto e as novas estruturas arqueológicas identificadas. A arqueologia assume, assim, um papel integrador do espaço museológico e da paisagem cultural de Condeixa-a-Velha.

Impõe-se, deste modo, como missão estruturante da região a criação de condições que viabilizem, no futuro, a investigação sistemática e a musealização de um edifício público único no contexto nacional. Nenhuma região pode ignorar o potencial programático, patrimonial e cultural de um edifício com mais de dezanove séculos de existência, nem o forte carácter identitário e o poder simbólico de um projeto com tão elevada capacidade transformadora.



Fotografia n.º 7. Perspetiva geral do Vale Norte com pormenor da elipse do anfiteatro no casario de Condeixa-a-Velha (MMP, EPE).

Ao contrário de outros museus, o Museu Nacional de Conímbriga não adquire peças no mercado para enriquecer o seu espólio e as suas coleções; investe, antes, na investigação arqueológica, no desenvolvimento de metodologias científicas e na formação de novas gerações.

Como anteriormente referido, a necessidade de proteção, estudo e valorização da reserva arqueológica encontra-se consagrada na missão do Museu, sendo plenamente coerente a retoma de campanhas arqueológicas regulares que evidenciem o imenso potencial do sítio e os seus múltiplos significados para a comunidade, para as instituições de ensino e para toda a Região Centro.

Conímbriga constitui, assim, um contexto privilegiado para materializar o lema das Jornadas Europeias de Arqueologia de 2022 – *Da Escavação ao Museu* –, garantindo o contacto direto com diferentes fases do processo arqueológico, desde os trabalhos de prospeção e escavação, passando pela conservação e restauro, até à investigação laboratorial e à posterior integração dos materiais em contexto museológico.

O contacto e a sensibilização do público não especialista assumem-se como elementos fundamentais para a partilha de conhecimento, sendo igualmente decisivos para o futuro processo de musealização de novas áreas das Ruínas. Salienta-se, a este propósito, o caso do anfiteatro romano, identificado como edifício de interesse arqueológico desde 1971 e amplamente reconhecido pelo seu elevado potencial transformador, mas que aguarda há mais de cinco décadas um investimento público continuado.

Este exemplo ilustra, uma vez mais, a dificuldade associada à aparente “invisibilidade” da arqueologia, em contraste com o valor exponencial e a longevidade do património arqueológico, bem como com o papel insubstituível das reservas e dos campos arqueológicos enquanto recursos culturais e científicos estruturantes.

2.4. Projetos PRR, mecenato cultural e nova Oficina de Mosaicos: impactos e significados para o Museu, o território e a Região Centro

A execução do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) afirma-se como uma rara oportunidade para aprofundar ações de salvaguarda e valorizar as múltiplas e complexas valências da reserva arqueológica e do Museu. O indispensável diálogo intergeracional aconselha a adoção de abordagens renovadas e claramente interdisciplinares, conferindo coerência ao planeamento estratégico da década através da consolidação do Cluster Experimental de Ciência. Este modelo deverá reforçar a identidade do espaço museológico e do território, através da concretização de práticas interinstitucionais de cooperação

entre os domínios da cultura, da educação, da ciência, da arte, da tecnologia e do turismo, contribuindo para a consolidação de novos públicos.

Não tendo sido possível, por falta de interessados, a materialização do projeto de ampliação e remodelação do Museu, os esforços passaram a concentrar-se na execução de quatro projetos financiados pelo PRR: instalação de rede wi-fi, intervenção na muralha do Alto Império e Porta de Sellium, consolidação da muralha do Baixo Império e valorização do extremo poente da muralha, bem como na implementação de um projeto de mecenato cultural dedicado à acessibilidade em toda a área visitável e na renovação da Oficina de Mosaicos.

As fontes de financiamento são diversas, encontrando-se associadas, respetivamente, ao PRR, ao mecenato cultural e ao financiamento extraordinário decorrente do estado de calamidade provocado pela depressão Kristin. Atendendo à complexidade institucional e processual envolvida, reflete-se, no presente contexto, de forma sucinta, sobretudo sobre os significados patrimoniais, culturais e museológicos destes projetos.

Caso se concretize a execução da totalidade das empreitadas previstas, serão investidos mais de três milhões de euros no campo arqueológico mais visitado do país. Deste montante global, destaca-se o contributo de duzentos e cinquenta mil euros, assegurado por cinco mecenas de diferentes nacionalidades, destinado ao projeto de acessibilidade física, intelectual e social a implementar nas Ruínas.

Os próximos dois anos, caso se confirmem as expectativas e sejam ultrapassadas com sucesso as fases de projeto conducentes à plena execução das empreitadas, estas poderão assumir um carácter particularmente marcante e transformador para a visitação e para a própria historiografia de Conímbriga. A elaboração dos projetos foi intensa e contou com a colaboração articulada da MMP, EPE, do Património Cultural, Instituto Público (PC, IP), da Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova e da CCDR Centro.

Importa notar que, com demasiada frequência, são individualidades ou coletividades estrangeiras que reconhecem de forma imediata as valências e o potencial de determinadas ins-

tituições ou projetos. Acredita-se que esta constatação possa, a médio e longo prazo, sedimentar aprendizagens relevantes, capazes de transformar sensibilidades, atitudes e modos de atuação no seio da comunidade.

Existe plena consciência de que estamos perante uma oportunidade histórica, sem paralelo nas últimas décadas, à qual a equipa do MNC tem dedicado todos os seus esforços, no sentido de garantir que o seu potencial transformador não seja desperdiçado.

A concretização destas obras terá uma influência direta na salvaguarda e na futura musealização do campo arqueológico, permitindo valorizar troços das muralhas que se encontravam fortemente degradados e assegurar níveis de acessibilidade e conforto, tanto para colaboradores como para visitantes, particularmente para pessoas com deficiência, adequados às necessidades e aos padrões contemporâneos.

O caso mais evidente da relevância destas ações de conservação e restauro, pela sua localização e visibilidade, é o projeto de intervenção na muralha do Alto Império. Visível a partir da estrada de acesso ao Museu, esta muralha tem sido, ao longo de décadas, alvo de contínuas ações de expoliação e remoção de pedra, encontrando-se em risco e profundamente descaracterizada. O respetivo projeto, permitirá restituir-lhe a dignidade, a espessura e parte da monumentalidade que outrora caracterizaram esta estrutura com cerca de dois milénios, reforçando simultaneamente a dimensão cénica da entrada no espaço museológico. Pela primeira vez em muitos séculos, será efetuada uma reposição sistemática de pedra, invertendo um longo processo histórico de perda de elementos pétreos.

Para além da salvaguarda da materialidade, esta intervenção contribui para valorizar a relação do Museu com o território, chamando a atenção para o facto de a estrada de acesso ao MNC atravessar uma paisagem singular, marcada pela presença de duas grandes estruturas monumentais e lineares de cronologia augustana ainda preservadas: o aqueduto e a primeira muralha da cidade antiga.

O mérito das recentes aquisições de terrenos e das ações de salvaguarda e conservação e restauro permite, pela primeira

vez em várias décadas, articular de forma coerente estes recursos patrimoniais com o edifício do Museu.

A implementação global destes projetos possibilita uma transformação profunda das valências estruturantes do campo arqueológico, promovendo uma maior aproximação à aldeia de Condeixa-a-Velha e ao extremo poente do planalto. Criam-se, assim, as condições para planear a reabilitação do edificado da povoação, retomar a investigação sistemática do anfiteatro romano e concretizar a instalação de um miradouro cultural no promontório poente do planalto.

Importa salientar que o anfiteatro romano constitui um recurso patrimonial único no contexto nacional, com capacidade para alterar de forma determinante a investigação do sítio e transformar profundamente o circuito de visita, reconfigurando a experiência do visitante, a relação de Condeixa-a-Velha, atribuindo à Região Centro uma valência cultural que não encontra paralelo em qualquer outra região do país.

Do mesmo modo, a consolidação da muralha no extremo poente representa o primeiro passo para a futura implementação de um miradouro cultural, que acrescentará escala, compreensão da paisagem, sustentabilidade e novas dimensões interpretativas à experiência de visita.

Para além dos projetos financiados pelo PRR, os próximos dois anos perspetivam a possibilidade de execução de um projeto de acessibilidade física e intelectual que transformará o entendimento e a perceção do sítio arqueológico, com o recurso a tecnologias digitais e realidade aumentada asseguradas pela implemetação em curso da rede wi-fi, pela instalação de uma nova vedação, interna e externa, iluminação renovada, zonas de descanso e mobiliário urbano atualizado. Toda a intervenção terá como princípio estruturante a relação com a paisagem, sem descurar a democratização do acesso ao campo arqueológico.

Uma nota final é dedicada à implementação de uma nova Oficina de Mosaicos, uma aspiração sucessivamente adiada, ainda recentemente pela não execução do projeto de remodelação do Museu, mas agora enquadrada na sequência dos estragos provocados pela depressão Kristin. Destaca-se, neste

contexto, o empenho do Conselho de Administração da Museus e Monumentos de Portugal, EPE (MMP, EPE), bem como a ação decisiva da Senhora Ministra da Cultura, Dr.^a Margarida Balseiro Lopes.

Em suma, o Museu Nacional de Conímbriga tem desenvolvido, nos últimos anos, uma intensa atividade associada a projetos estruturantes para o espaço museológico, aguardando com expectativa que a fase de projeto dê lugar à fase de execução, de modo a que se concretizem oportunidades históricas com elevado potencial transformador.

A verificar-se a execução dos projetos previstos, aconselha-se o público interessado a visitar regularmente o Museu Nacional de Conímbriga (MNC) e a acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos ao longo dos próximos dois anos. Deste modo, será possível participar na monitorização das expectativas e no balanço das execuções, conforme sugerido no início desta reflexão. Ainda que se verifique uma taxa de execução positiva, a dimensão das necessidades e a escala de intervenção do MNC são de tal ordem que serão necessárias várias gerações para nos aproximarmos plenamente do potencial do espaço museológico de Conímbriga.

Urge, por isso, questionar: que concelho, região ou país prescindiria de valorizar um recurso patrimonial com estas características e com tão elevado valor patrimonial, museológico e programático?

3. Bibliografia

- ALARCAO, J., ETIENNE, R. (dir.), (1974-1979). *Fouilles de Conimbriga*, 7 vols. Paris, De Boccard.
- ALARCÃO, Adília M. e CORREIA, Virgílio Hipólito, (2004). “Conimbriga: investigação, salvaguarda e apresentação. Programas e projetos”. In Correia, Virgílio Hipólito (ed.) *Perspectivas sobre Conimbriga* (Lisboa, LAC/Ed. Âncora), 120-128.
- ALARCAO, P., (2009). *Construir na Ruína. A propósito da cidade romanizada de Conimbriga*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto.

- CORNELIUS, Meyer, CARLETTI, Margherita, SALA, Roger, SIMÓN, Pedro Rodríguez, JERGALIC, Sukejna, KAPSALI, Kali, DIAS, Vítor, RUIVO, José, SILVA, Ricardo Costeira da and CORREIA, Virgílio Hipólito (2025), Conimbriga: A Comprehensive Geophysical Survey and the Reconstruction of the Town's Plan. <https://doi.org/10.1515/opar-2025-0068>. Received June 18, 2025; accepted November 12, 2025; published online March 16, 2026.
- CORREIA, Virgílio Hipólito, (2009). "20 anos de Arqueologia e Museus". *Arqueologia & História* 60-61, 45-52.
- RUIVO, José e CORREIA, Virgílio Hipólito, (2017). "Um quarto de século de investigação arqueológica em Conimbriga". In *IX Mesa Redonda sobre Lusitania Romana* (Madrid, MNAR/Casa de Velázquez).
- Oliveira, C., Bottaini, C., Kaal, J., Back, J. V., Candeias, A., Pereira, A., Miguel, C., Cardoso, A.M., Perpétuo, J., Correia, V. H., Osório, D., & Dias, V., (2025). Tracing literacy in Roman Conimbriga: insights from the metallurgy and ink of a Biebrich inkwell. *Archaeol Anthropol Sci* 17, 216 (2025). <https://doi.org/10.1007/s12520-025-02330-3>